



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Mara Luciane da Silva Furghestti *

Resumo: Este trabalho aborda os resultados e algumas considerações de uma pesquisa concluída cujo objetivo foi conhecer as práticas pedagógicas realizadas nos três primeiros anos do ensino fundamental de alfabetização e letramento, e analisar por que elas não possibilitam a alfabetização com letramento para todas as crianças. A pesquisa foi financiada pelo Observatório da Educação- OBEDUC/CAPES. Os dados coletados por meio de observação, entrevista e análise de documentos evidenciaram que as professoras alfabetizadoras das turmas do 1º, 2º e 3º ano de duas escolas públicas da região da AMUREL- Associação dos Municípios da Região da Laguna, no sul de Santa Catarina, ainda têm a concepção tradicional de ensino como norte de suas metodologias, condicionando as crianças a um modo de apropriação da leitura e da escrita bastante restrito. Considerando a aprovação da Lei 11.274/06, que alterou o tempo de alfabetização das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, e a relevância dada pelos documentos oficiais sobre a alfabetização na perspectiva do letramento, percebeu-se que o desafio das professoras em romper com práticas pedagógicas tradicionais, o entendimento para concretizar uma prática articulada entre os três primeiros anos no sentido de constituir um ciclo, a importância dada às interações no processo de aprendizagem e a compreensão do “alfabetizar letrando”, defendido por Soares (2000, 2010), ainda estão distantes de ocorrer, fatores estes que contribuem para dificultar a alfabetização de todas as crianças.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Práticas Pedagógicas.

Abstract: This article discusses the results and some considerations of a completed research which has purposed to understand the pedagogical practices carried out in the first three years of alphabetization and literacy in primary school and analyze why they do not provide alphabetization with literacy for all children. The research was funded by the Centre of Education - OBEDUC/CAPES. The data collected through observation, interviews and analysis of documents showed that the literacy teachers of 1st, 2nd and 3rd year of two public schools at AMUREL - Associação dos Municípios da Região da Laguna, in the south of Santa Catarina, still have the

*PARFOR UNISUL/MEC.

Integradora do Sistema SERIE DH na

Gerência de Educação em Tubarão - SDR/SED/SC.

Integrante do projeto de pesquisa sobre Alfabetização no PPGE-UNISUL aprovado pela CAPES/INEP, vinculado ao Programa do Observatório da Educação (2013-2015).

Mestra em Educação pela UNISUL.

E-mail: marafurghestti@bol.com.br



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

traditional conception of teaching as a way of methodologies, what conditions children to a ownership mode of reading and writing quite restricted. Considering the approval of Law 11.274/06, which amended the children literacy time in the early years of elementary school, and the importance given by the official documents on alphabetization in literacy perspective, it was realized that the challenge of teachers to break with traditional educational practices, the understanding to get an articulated practice among the first three years in order to form a cycle, the importance given to the interactions in the learning process and the comprehension of "alphabetize at the same time of providing literacy" defended by Soares (2000, 2010), are still far from occur, which are factors that contribute to hamper the literacy of all children.

Keywords: *Alphabetization. Literacy. Pedagogical Practices.*



1. Introdução

A antecipação da matrícula obrigatória de sete para seis anos na primeira série do Ensino Fundamental e a ampliação desta etapa da educação básica para nove anos, estabelecidas com a aprovação da Lei nº 11.274 de 2006, representam de forma significativa, o marco inicial das mudanças propostas no processo de alfabetização das crianças no Brasil.

O ensino fundamental de nove anos, com ênfase na alfabetização e o letramento das crianças no ciclo da infância, evidencia que a prática pedagógica tenha como princípio a alfabetização plena, apropriação do código articulado ao contexto e práticas sociais. Consta no documento do Ministério da Educação (Brasil, 2008, p.13) que:

Não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar; a proposta é de alfabetizar letrando. [...] O desafio que se coloca para os primeiros anos do Ensino Fundamental é o de conciliar esses dois processos, assegurando aos alunos a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e condições possibilitadoras do uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita.

Saber ler e escrever de forma rudimentar não é uma condição suficiente para garantir a inserção plena no contexto social e cultural existente. A diversidade de informação e comunicação em diferentes suportes tecnológicos que circulam em nossa sociedade requer uma postura condizente com esta realidade. É necessário ir muito além do ler e escrever pequenos textos. É preciso fazer uso social da leitura e da escrita o que exige ser alfabetizado e letrado.

De acordo com Soares (2000, p. 3):

Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

Trabalhar a prática pedagógica no bloco alfabetizador na perspectiva do letramento é condição indispensável para assegurar a inserção da criança na sociedade com condições de nela intervir. Prática pedagógica será aqui compreendida como uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática. [...] “A prática pedagógica é, na verdade, atividade teórico-prática, ou seja, formalmente tem um lado ideal, teórico, idealizado enquanto formula anseios onde está presente a subjetividade humana, e um lado real, material, propriamente prático, objetivo”. (VEIGA, 1994, p. 16-17).



Nessa perspectiva, a prática pedagógica deve levar em consideração a realidade concreta da escola e os determinantes sociais que a circundam, uma vez que teoria e prática não existem isoladamente, ambas dependem uma da outra e exercem influências sobre si. É necessário entender que as ações pedagógicas que se constituem no espaço escolar, seja na sala de aula ou em outros espaços físicos, podem ser mediadas pelas interações entre professores e alunos, e interferem de modo significativo no processo de ensino e de aprendizagem das crianças.

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre os resultados e algumas considerações de uma pesquisa concluída cujo objetivo foi conhecer as práticas pedagógicas realizadas nos três primeiros anos do ensino fundamental de alfabetização e letramento e analisar por que elas não possibilitam a alfabetização com letramento para todas as crianças. A pesquisa foi financiada pelo Observatório da Educação- OBEDUC/CAPES.

Os dados apresentados foram coletados em duas escolas públicas, localizadas na região da AMUREL - Associação dos Municípios da Região da Laguna, no sul de Santa Catarina, através de observações em sala de aula, entrevistas informais com as professoras e análise documental e iconográfica. Em cada escola, três turmas foram pesquisadas, sendo uma de 1º ano, uma de 2º ano e uma de 3º ano e suas respectivas professoras, totalizando seis turmas. A coleta ocorreu durante dez dias de observação em cada turma, num período de cinco meses.

Refletir acerca da alfabetização na perspectiva do letramento é algo recente em nosso país, bem como abrangente e com várias facetas no contexto educacional. Em decorrência disso, nesse momento, foram destacados os elementos temas/conteúdos e estratégias utilizadas na prática pedagógica das turmas do Bloco Alfabetizador para apresentarmos e propor uma reflexão a seguir.

2. Articulação entre a teoria e a prática na alfabetização

Ao chegar ao contexto das escolas para conhecer as práticas de alfabetização realizadas e também analisar como o processo de alfabetização na perspectiva do letramento vem se constituindo nesses espaços de modo a contribuir para aprendizagem da leitura e da escrita das crianças e seu uso nos contextos sociais, muitas questões foram se fazendo presentes, como por exemplo: Quais práticas pedagógicas estão sendo desenvolvidas nas turmas do bloco alfabetizador? As práticas pedagógicas realizadas visam associar a alfabetização com o letramento? Há uma continuidade no trabalho pedagógico entre as turmas? Qual a concepção teórica que norteia as práticas pedagógicas das professoras alfabetizadoras? Com estas práticas as professoras alcançam o objetivo de alfabetizar todas as crianças ao final do bloco



alfabetizador? Como ocorrem as interações entre os sujeitos envolvidos no processo de alfabetização?

Assim, tais questionamentos possibilitaram realizar as observações nas turmas do bloco alfabetizador com um olhar atento e ampliaram a compreensão de algumas questões que foram ganhando evidência, tanto pela repetição com que apareciam, como pela ênfase dada a elas pelas professoras e alunos no decorrer das aulas. Nas turmas do 1º ao 3º ano, embora com especificidades, as aulas são muito parecidas. A maioria das professoras utiliza métodos sintéticos e/ou analíticos, onde o foco está na aprendizagem do código da escrita por meio do trabalho com sílabas e a decodificação como modo, quase único, de realizar leituras de frases, palavras, sílabas e letras. Ou seja, as práticas pedagógicas observadas nas seis turmas evidenciam que a concepção tradicional de ensino e aprendizagem ainda predomina nas escolas.

Na sequência, trago algumas imagens de atividades e ações observadas, coletadas e analisadas que foram realizadas pelas professoras no processo de alfabetização das crianças.

Figura 1 – 1º ano/Escola A



Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

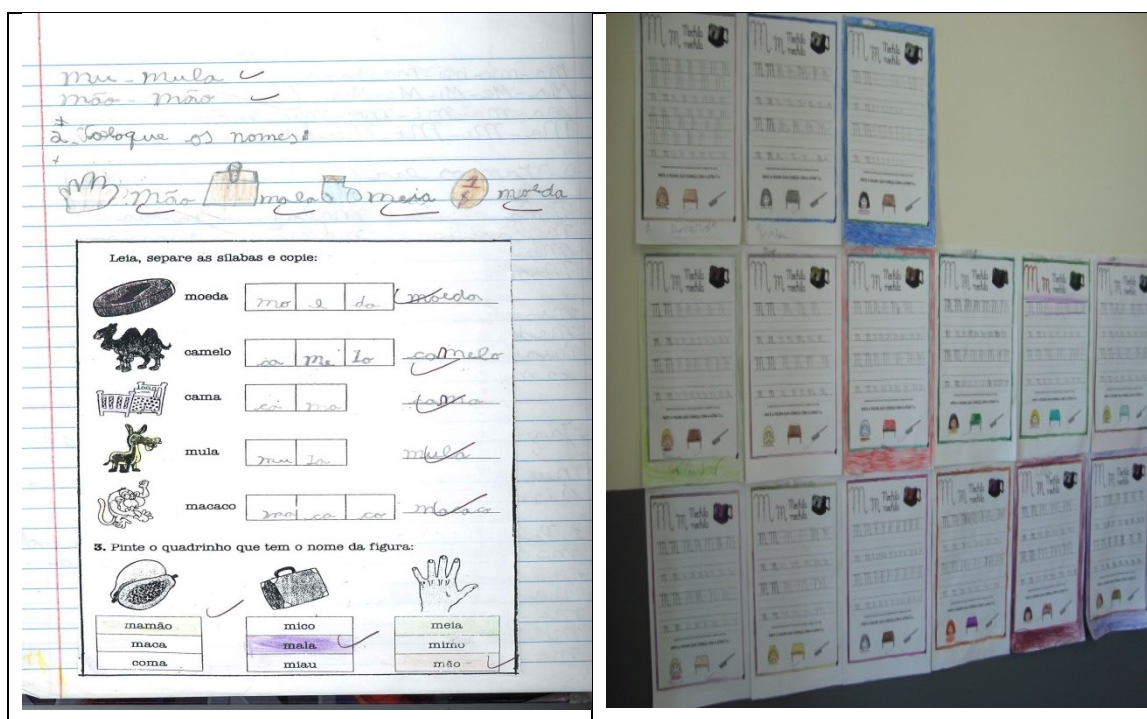
Nas atividades apresentadas, a professora do 1º ano procurou enfatizar a relação fonema-grafema, falando inúmeras vezes cada palavra e realçando seu tom de voz para a sílaba que deveria ser escrita e repetindo oralmente várias vezes as sílabas escritas no quadro. O



objetivo maior ao utilizar esta estratégia era que as crianças conseguissem identificar e escrever cada sílaba formada com as letras “V e/ou D”.

A lógica da prática docente está relacionada a palavras soltas, sem um contexto social que tenha referência para as crianças, e sim a aprendizagem específica da alfabetização de adquirir a tecnologia da escrita e saber decodificar as letras, sílabas e palavras. A intervenção da professora com o propósito de provocar o aluno não ocorre, pois usa, em geral, a mesma estratégia, alternando atendimento e explicações individuais e coletivas.

Figura 2 – 1º ano /Escola B



Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

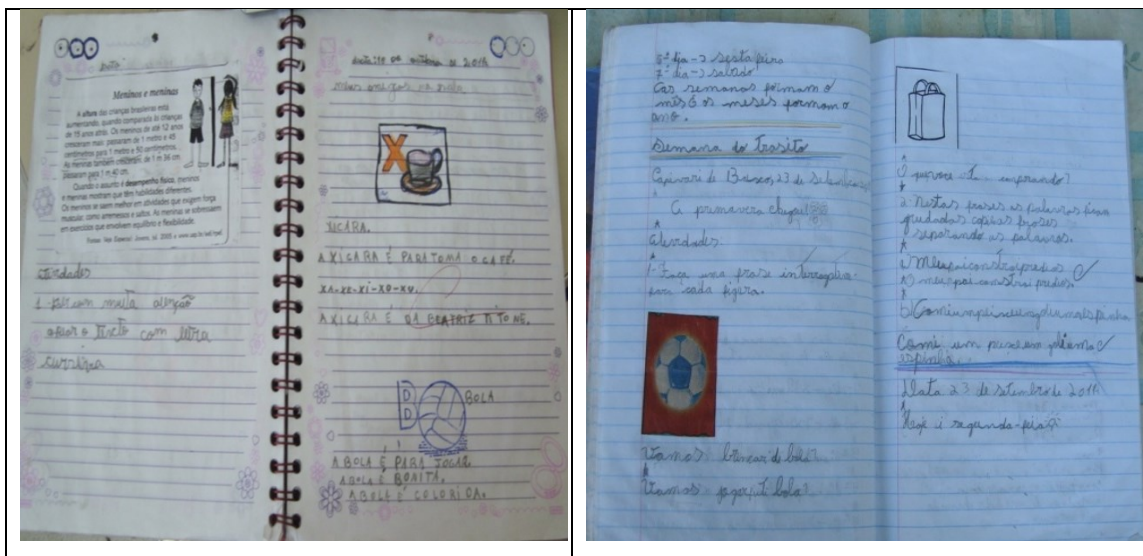
A professora que leciona para turma do 1º ano na escola B planeja várias atividades com a preocupação de que todas as crianças aprendam a ler e a escrever as palavras com sílabas simples. Ao observar o grupo, percebemos que as crianças sabem ler e escrever com facilidade as palavras já estudadas, mas tudo é feito dentro de uma sistemática de treino, repetição e memorização das sílabas, que segundo os estudos de Soares (2010), pouco contribui para alfabetizar letrando.

Ao propor atividades que seguem a lógica da cartilha, da memorização de determinadas letras e suas respectivas famílias silábicas para que as crianças sejam alfabetizadas, a professora deixa de possibilitar a essas crianças uma aprendizagem da escrita e da leitura com textos

diversificados e/ou diferentes materiais que são usados na sociedade, sobretudo neste momento inicial que é muito significativo.

Observou-se que as professoras dos 1ºs anos oferecem poucos recursos para os alunos se aventurarem no mundo da escrita, pois o ensino está reduzido a atividades estereotipadas: cópia, ditados e exercícios ortográficos, entre outros, o que a destituiu de significados, dissociando a prática da escrita e da leitura da prática social das mesmas.

Figura 3 – 2º ano/ escola A



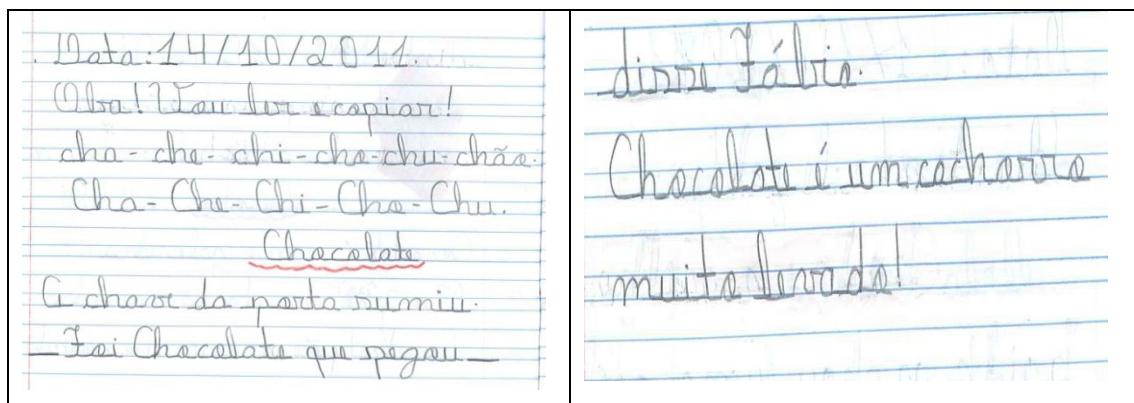
Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

As atividades mostradas acima são recortes representativos das aulas observadas no 2º ano. Geralmente a professora se utiliza de estratégias na tentativa de auxiliar os alunos que não compreendem o código escrito a ampliarem seus conhecimentos nesse aspecto. Utiliza carimbos, gravuras, objetos e a linguagem como instrumentos mediadores da aprendizagem. Enfatiza a diferença entre a letra cursiva e script, trabalha com o próprio nome das crianças, fazendo perceber as letras e as sílabas que formam. A prática pedagógica está alicerçada no método silábico no qual explora uma sílaba que corresponde a uma palavra-chave.

Segundo Soares (2011) ser alfabetizado na perspectiva do letramento é mais do que traduzir ou decodificar o texto em letras e sílabas, é principalmente compreender o que está escrito, processar seu significado. As crianças dessa turma estão, em sua maioria, num processo inicial de alfabetização, leem frases ou pequenos textos e escrevem com a ajuda da professora e, muitas vezes, com auxílio de alguns colegas da sala que ditam letras ou sílabas para o outro copiar. Esta demonstra estar sempre centrada na aprendizagem das crianças, mas não consegue mediar de maneira suficiente as com dificuldades em acompanhar as atividades propostas.



Figura 4 – 2º ano/ escola B



Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

Figura 5 – 2º ano/ escola B



Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

Na turma do 2º ano da escola B, a prática pedagógica é bastante semelhante às professoras anteriores. Ela segue a ordem alfabética trabalhando com sílabas complexas. Este suporte é o que conduz o processo de alfabetização das crianças. O foco está na memorização das sílabas para a formação de palavras e frases, conforme mostram as imagens acima. Com as palavras memorizadas, seja pela cópia ou pela leitura sistêmica, os alunos montam pequenos textos, porém sem sentido no uso social.

A professora enfatiza a repetição do som com a grafia, mas a aprendizagem se caracteriza pela repetição, memorização e cópia, com poucas possibilidades de intervenção da professora em propor estratégias que façam o aluno pensar sobre a construção do sistema de escrita.

Sobre práticas pedagógicas como estas, Pérez e Sampaio (2012, p. 410-411) dizem que:

No lugar de palavras-chave, sílabas e/ou letras pensadas pelos autores de cartilhas, a circulação no cotidiano da sala de aula de textos variados que

narrem histórias reais e/ou imaginárias; que apresentem descobertas, conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade; textos que provoquem leituras, escritas, conversas e que possam fornecer respostas às perguntas das crianças e professores(as) abrindo possibilidades para novas e outras perguntas [...] para modos outros de alfabetizar.

Fica evidente que tanto as professoras do 1º ano, quanto as do 2º ano parecem sentir segurança ao utilizar o método da silabação e, com isso, não utilizam outros gêneros textuais que poderiam contribuir de modo a provocar a imaginação das crianças. A prática pedagógica vivenciada nas turmas do 1º e 2º ano envolve predominantemente a normatização da ortografia, a sequência da ordem alfabética, o estudo sistematizado das sílabas complexas. A mediação no sentido de fazer a criação refletir sobre sua escrita, se configura em poucos momentos, em casos isolados.

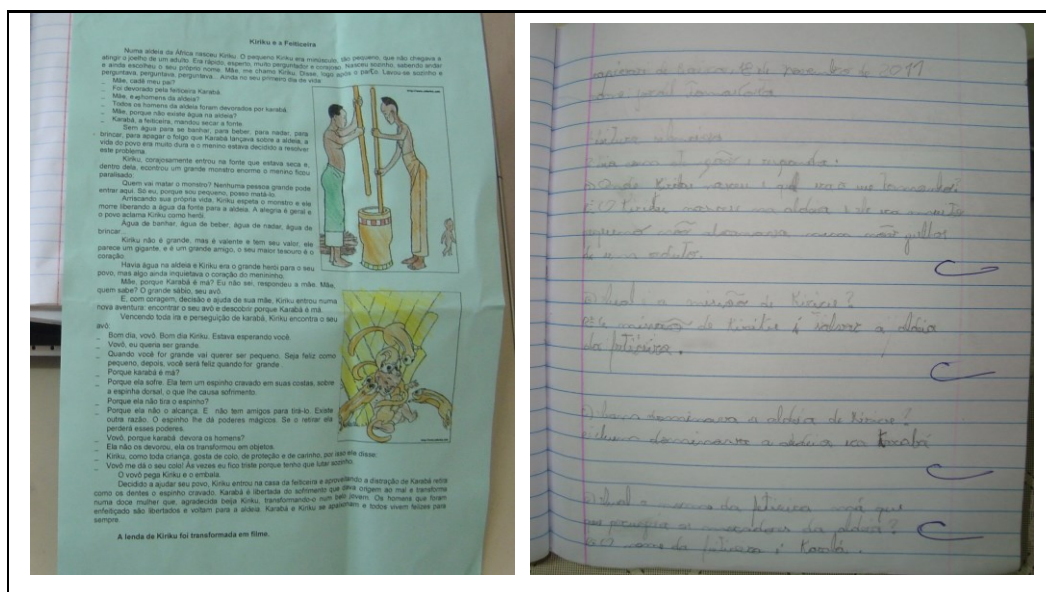
De acordo com Soares (2004), as discussões sobre letramento no Brasil apareceram enraizadas no conceito de alfabetização, que, de forma inadequada e inconveniente, provocou certa fusão e, conseqüentemente, um enfraquecimento na especificidade da alfabetização. E, ainda, a concepção tradicional de alfabetização, traduzida nos métodos sintéticos e analíticos, tornava os processos de ler e escrever independentes, como se a alfabetização precedesse o letramento.

Figura 6 – 3º ano/ escola A



Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

Figura 7 – 3º ano/ escola A



Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

Nas aulas observadas na turma do 3º ano A, regra geral a professora utilizava explicações gerais, leitura de forma mecânica, repetitiva e de forma individualizada, com pouca contextualização às práticas de usos sociais. Havia poucas intervenções de provocação que instigassem as crianças a buscar pistas para resolução das atividades, que as deixassem inquietas perante o problema proposto, e sim, práticas que as levavam a copiar do colega ou esperar correção no quadro, tornando o aluno passivo diante das situações.

O foco estava na cópia como forma de registro escrito das aulas e a decodificação como modo, quase único, de realizar leituras de frases, palavras, sílabas e letras sem preocupação como a compreensão dos significados. A leitura de textos em sala, geralmente acontecia por algumas crianças que se apropriavam melhor do processo de alfabetização enquanto que as outras quase nunca liam. A produção escrita espontânea e criativa por parte dos alunos foi pouco observada nesta turma, em geral eles respondiam a questionários dirigidos.

Figura 8 – 3ª Ano/Escola B



Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

Na turma 3º ano da escola B, mesmo que muita coisa se pareça com as práticas das demais professoras, há aspectos que diferem. As estratégias utilizadas no encaminhamento das atividades com os alunos evidenciam situações mais voltadas a uma proposta de letramento, bem como utilizar outras metodologias que vão além da repetição de práticas com embasamento na concepção tradicional. Durante todas as aulas a professora procura utilizar textos do contexto social das crianças e trabalha de forma articulada a leitura e a escrita, ambas envolvendo a oralidade, o diálogo com reflexão.

Ao usar metodologias que articulem conhecimentos do contexto social e conhecimentos científicos, a professora possibilita a maior participação das crianças nas aulas. Foi possível observar que os alunos copiam as atividades escritas no quadro e resolvem com mais autonomia, mas antes disso, há diálogo entre todos. Dentre as turmas observadas, nesta foi possível ver as crianças produzindo textos em várias situações, porém também predomina atividades de cópia com foco na codificação e decodificação de sinais gráficos.

3. Considerações finais

Considerando a aprovação da Lei 11.274/06 que alterou o tempo de alfabetização das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental e a relevância dada pelos documentos oficiais

sobre a alfabetização na perspectiva do letramento, foi possível fazer algumas reflexões acerca do objeto pesquisado.

No cotidiano das salas de aula, as práticas apontaram para um ensino e aprendizagem alicerçado, em geral, na concepção tradicional, baseada nos métodos sintéticos e analíticos, deixando a aprendizagem contextualizada nos usos das práticas sociais ainda numa posição reducionista, ou muitas vezes, quase inexistente.

Evidenciamos que não há uma continuidade no processo ensino e aprendizagem do ciclo ou bloco alfabetizador, pois o trabalho do professor, na maioria dos casos, é muito solitário, com poucos ou raros momentos de planejamento em conjunto com outros professores alfabetizadores para pensar e elaborar atividades que caracterizem um processo contínuo de aprendizagem.

A perspectiva da alfabetização com letramento, tão discutida nas últimas décadas e incorporada nas políticas curriculares que determinam as práticas para as classes de alfabetização, ainda não é assegurada nas escolas. Tais práticas efetivadas ainda pouco utilizam as interações sociais para promover o diálogo constante, provocar às crianças a buscar pistas para resolução das atividades, que as deixem inquietas perante o problema proposto, debaterem o tema estudado, interpretar os fatos, contextualizar as atividades de leitura e escrita com situações reais da prática social, promovendo alfabetização e letramento concomitantemente, bem como, onde o professor possa atuar como mediador entre o aluno e o conhecimento.

O desafio das professoras em romper com práticas pedagógicas tradicionais, o entendimento para concretizar uma prática articulada entre os três primeiros anos no sentido de constituir um ciclo, a importância dada às interações no processo de aprendizagem e a compreensão do “alfabetizar letrando” defendido por Soares (2000, 2010) ainda estão distantes de ocorrer, fatores estes que contribuem para dificultar a alfabetização de todas as crianças.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB n. 4/2008**. Orientação sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos. 2008. Disponível em: <www.mec.gov.br/cne>. Acesso em: 02 jun. 2011.

PÉREZ, Carmen L. V.; SAMPAIO, Carmen S. Conversas sobre aprenderensinar a ler e a escrever: (nos) alfabetizando com as crianças e sem cartilhas. In: LIBÂNEO, José C.; ALVES, Nilda (Orgs.). **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 395-429.

SOARES, Magda B. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.



_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2012.

_____. **Letrar é mais que alfabetizar**. 2000. (texto/ entrevista concedida ao (Jornal do Brasil em 26/11/2000). Disponível em: <<http://intervox.nce.ufjf.br/~edpaes/magda.htm>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

VEIGA, Ilma P.A. **A prática pedagógica do professor de didática**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994.

Recebido em: 30/06/15. Aprovado em: 21/10/15.